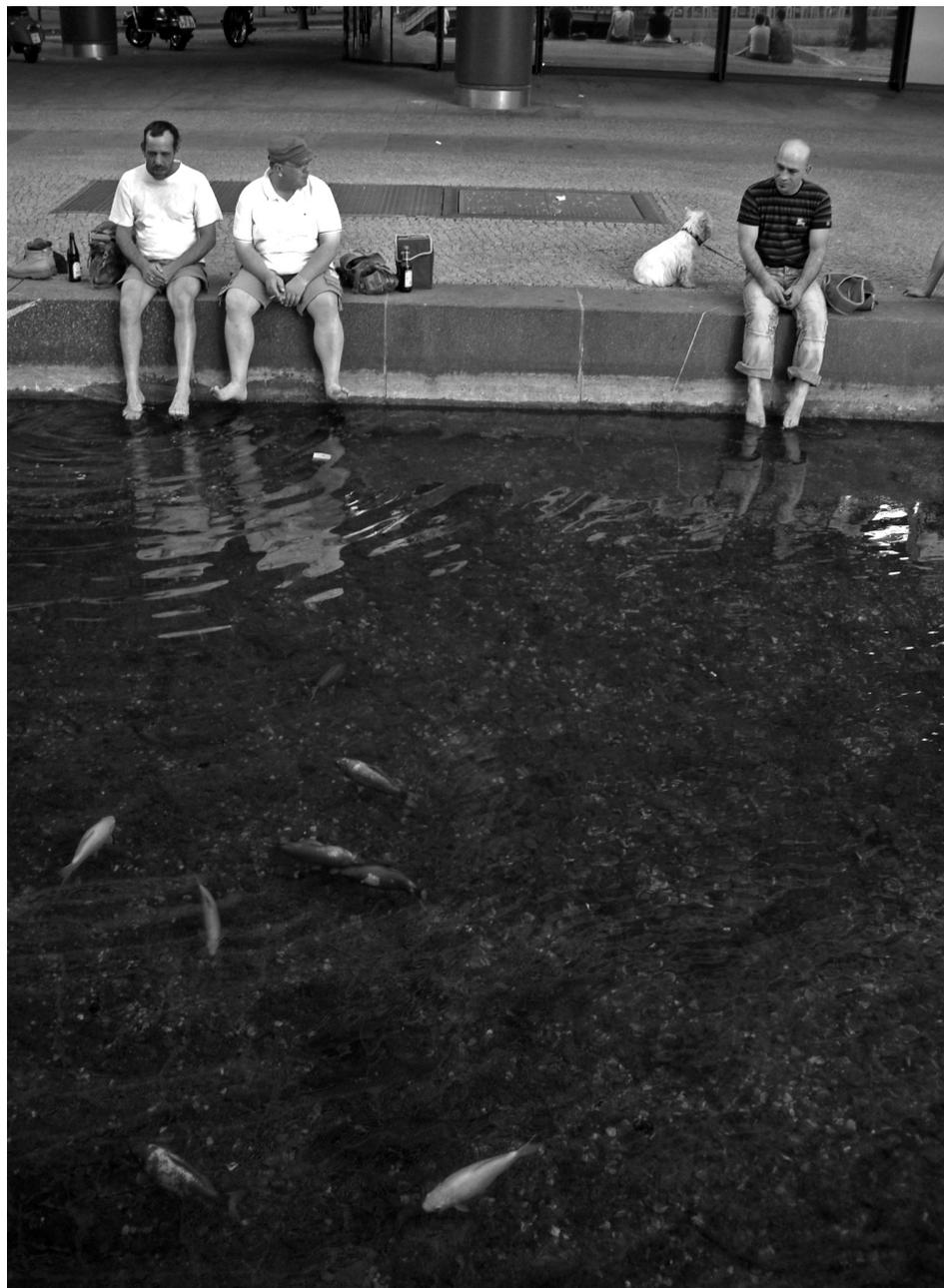


A CIDADE DOS LUGARES CONVERSÁVEIS¹
THE CITY OF CONVERSABLE PLACES¹

Lineu Castello

Tradução português-inglês: Equipe editorial



“A cidade surge no momento em que a espécie humana é assaltada pela necessidade de viver em vizinhança e empreender atividades dependentes umas das outras. Não é à toa que da palavra ‘cidade’ derivem ‘cidadão’ e ‘cidadania’, e que de ‘civitas’, a ancestral latina de ‘cidade’, decorram ‘civildade’ e ‘civilização’. Um velho documento da história do Brasil, o diário de viagem de Martim Afonso de Sousa, afirma que esse oficial da coroa portuguesa criou duas vilas no que viria a ser o território paulista, de forma que seus habitantes pudessem ‘viver em comunicação das artes’ e usufruir de ‘uma vida segura e conversável’.

Eis resumidos, na graça da linguagem quinhentista, alguns dos fundamentos da vida em cidades. Por ‘comunicação das artes’, devem-se entender o inter-relacionamento entre os vários ofícios e o intercâmbio de serviços e mercadorias daí decorrente. Na referência à vida ‘conversável’, ‘conversar’ equivale a ‘conviver’, mas não deixa de ter também o sentido que hoje emprestamos a ‘conversar’ quando se tem em conta que conviver é falar com o outro. A cidade, lembra-nos esta palavra ‘conversável’, tão bonita, ao modo em que está inserida no texto, é o lugar em que as pessoas se falam umas com as outras.”²

Parece bastante reveladora a simpática intuição demonstrada por Roberto Pompeu de Toledo, colunista da revista VEJA, em relação a temas urbanísticos. É notável, também, sua igualmente atenta percepção sobre aquilo que conceituo como lugar em meus trabalhos de pesquisa mais recentes. Lugar, seja um simples banco numa rua, uma área histórica reurbanizada, ou um sedutor *mall* temático, parece ter tudo a ver com o que a escrita quinhentista propunha através da palavra “conversável”. É nos novos lugares – aos quais, não sem algum destemor, venho denominando lugares clonados³ – que se processa muito da vida de relação de que dispõem os moradores das cidades de hoje. Kevin Lynch certamente os denominaria “districts”, pela força estrutural que demonstram como formadores de uma imagem da cidade; outros, não hesitariam em chamá-los complexos híbridos ou “mega-projetos multifuncionais”; alguns, mais otimistas, talvez os categorizassem como lugares inventados⁴. E Martim Afonso de Souza, já em idos temporais, atiladamente deduzia que nas cidades existiriam lugares aonde as pessoas conviveriam em comunicação das artes, usufruindo as qualidades advindas de uma escala conversável. Nos tempos de hoje, é mais certo entender que a urbanização se veja tomada por uma continuada inserção de grandes projetos urbanos espalhados por longas extensões territoriais. São os lugares – os lugares novos – promovidos por agentes locais, regionais e, até, transnacionais. O resultado, é verdade, é, às vezes, deplorável; outras, aceitável; outras,

“The city emerges at a time when the human species is overcome by the need to live together and engage in mutually dependent activities. It is no accident the word ‘city’ is the root for ‘citizen’ and ‘citizenship’, and that ‘civitas’, the Latin root of ‘city’ is also the root of ‘civility’ and ‘civilisation’. An old document from the history of Brazil, the travel diary of Martim Afonso de Sousa, states that as an official of the Portuguese crown he created two villages in what would become the state of São Paulo, so that their inhabitants could ‘live in communication with the arts’ and enjoy ‘a secure and conversable life’.

The grace of 16th century language sums up some of the fundamentals of life in cities. ‘Communication with the arts’ should be understood as the interrelationship between the various trades and the resulting exchange of services and goods. In relation to a ‘conversable’ life, ‘converse’ in that context means ‘being with or living with’, but also retains the meaning we give to converse today, when one considers that to be with someone is to talk with them. The city, as we are reminded by the place in the text of that most attractive word ‘conversable’, is the place where people talk to each other.”²

Roberto Pompeu de Toledo, a magazine columnist with VEJA, makes a revealing and charming observation in relation to urbanism. His similarly attentive perception about what I consider as place in my work and most recent research is also noteworthy. Place, whether it is a simple bench in the street, a re-urbanised historic area, or a seductive themed mall, seems to have everything to do with the sixteenth-century writer suggestion of “conversable”. It is in the new places – which I have, not without some hesitation, termed cloned places³ – where much of the life of relationships available to the inhabitants of the cities of today takes place. Kevin Lynch would certainly call them “districts”, due too their structural power as constructors of an image of the city; others would not hesitate to call them hybrid complexes or “multifunctional mega-projects”; perhaps the more optimistic would categorise them as invented places.⁴ And Martim Afonso de Souza had already in the distant past elegantly deduced that there are places in cities where people live together in communication with the arts, enjoying qualities arising from a conversable scale. Nowadays it is more generally understood that urbanisation is being overcome by a constant addition of major urban projects spread across great expanses of land. These places – the new places – are promoted by local, regional and even transnational agents. The results are at times quite deplorable, it is true; at other times they are acceptable, and some are even admirable. The topic to be developed in this text defends the establishment of a

ainda, admirável. O tema a ser desdobrado neste texto defende estabelecer uma dúvida sobre a imediatista intolerância usualmente imputada a tais projetos, tendo em vista que em bom número de casos, eles podem oferecer, com eficácia, oportunidades para a qualificação das cidades.

O tópico é controvertido, e a tendência é que se torne mais e mais discutido, especialmente frente às extraordinárias incertezas que sobressaltam o capitalismo na recente crise eclodida a partir de 2007. Enquanto alguns autores se deixam fascinar pelos acertos dessa peculiar feição da História da urbanização, representada por frações espaciais que se configuram como “commodities”, outros se escandalizam com a condição de “cidade-mercadoria” a que se vêem submetidos os espaços de um bom número de metrópoles. Num quadro planetário, a implementação sempre crescente dessas novas tendências urbanísticas, leva a delinear um panorama que, em termos globalizados, conformará um mundo constituído não mais por países e, sim, por cidades (e – será que exagero? – por lugares).

Dentro dessa nova realidade resta evidente que se atravessa um momento histórico no processo de urbanização, no qual, uma das manifestações que se registra mais persistentemente é a instalação de maneiras díspares de pensar os meios urbanos, configurados agora pela presença de frações territoriais claramente perceptíveis espalhadas por regiões extensivamente urbanizadas. É sobre elas que tratará o presente texto. Para isso, serão discutidos alguns exemplares – onze, para ser mais preciso – nos quais as condições para que o fenômeno de uma escala “conversável”, como aqui entendida, possa se materializar e acontecer, mesmo dentro da macro-escala das novas realidades urbanas.

AS FRAGMENTAÇÕES AMEAÇADORAS

Que rumos toma a cidade, agora, no século XXI? E mais, que rumo toma o Urbanismo, neste particular momento da história da urbanização? Mais precisamente ainda: aonde se encontra a tal de escala conversável, viabilizadora dos lugares em que as pessoas se falam e convivem, mesmo dentro do gigantismo escalar da cidade contemporânea? A leitura que o ambiente urbano de hoje permite fazer é clara ao revelar a presença de fragmentações territoriais. Revela, outrossim, que essas fragmentações são representativas da demarcação e do reconhecimento de territórios urbanos específicos, demarcações que procedem das representações sociais e dos lugares. Destarte, embora relutantemente, é forçoso admitir que o atual padrão de cidades fragmentadas que domina o planeta, emerge do reconhecimento de territórios urbanos específicos. E que sua diferenciação como territórios característicos tem algo

level of doubt in relation to the usual immediate intolerance of such projects, in view of the fact that in a considerable number of cases they can efficiently provide opportunities for the improvement of cities.

The subject is obviously controversial, and tends to be discussed more and more, especially in the face of the extraordinary uncertainties assailing capitalism in the recent crisis developing since 2007. While some writers have been fascinated by the successes of this particular feature of the history of urbanism, represented by fractions of space that present themselves as “commodities”, others have been shocked by the state of “city as merchandise” to which spaces have been subjected in a good number of metropolises. In a global context, the ever-growing implementation of these new urbanism trends is defining a panorama that in globalised terms will form a world that no longer consists of countries, but rather of cities (and – would it be going too far? – even of places).

Within this new reality it remains clear that this is an historic moment in the process of urbanisation, in which one of the most persistent manifestations is the establishment of disparate ways of thinking about urban surroundings, now formed by the presence of clearly recognisable territorial fractions spread across extensively urbanised regions. It is these that form the subject of this text. Several examples will therefore be discussed – eleven, to be precise – in which the conditions for the phenomenon of a “conversible” scale, as understood here, can materialise and come about, even within the macro-scale of new urban realities.

THREATENING FRAGMENTATIONS

Which way is the city going now, in the 21st century? And also, which way is urbanism going, at this particular moment in the history of urbanism? More precisely, where can that conversable scale be found, which enables spaces where people talk and engage with each other, even within the gigantic scale of the contemporary city? The reading allowed by the urban environment today clearly reveals the presence of territorial fragmentations. Furthermore, it reveals that these fragmentations represent the demarcation and recognition of specific urban territories, demarcations that arise out of social representations and places. It therefore has to be admitted, albeit reluctantly, that the current pattern of fragmented cities that dominates the planet arises out of the recognition of specific urban territories, and that their differentiation as characteristic territories has something to do with their categorisation as place. As places of conversable scale.

The Fragmented City is a term quite commonly used nowadays in the jargon of architects, urbanists, urban planners and even cultural critics. It derives from among other

a ver com sua categorização como lugar. Como lugares de uma escala conversável.

Cidade Fragmentada é uma expressão de uso bastante freqüente no atual jargão de arquitetos, urbanistas, planejadores urbanos e, até mesmo, de críticos culturais. A denominação deriva, entre outras causas, dos extremos alcançados nas atuais escalas urbanas. É quase sempre empregada com alguma insinuação de desdém, conotando a uma negatividade associada freqüentemente à presente condição “pós-moderna” das urbanizações contemporâneas. É válido ressaltar que, antes de emitir qualquer juízo de valor, é bom refletir sobre os próprios termos que compõem a denominação. Assim, cabe questionar já de início o quê, afinal de contas, vem a ser uma “cidade”, um conceito claramente em mutação; e, aprofundar sobre a usualmente atemorizadora idéia de “fragmentação”.

Em sua origem, “cidade” é uma expressão ainda fortemente influenciada por uma visão conservadora e limitada do que seja uma concentração urbana. Será que essa expressão, “cidade”, seria hoje ainda suficiente para explicar as aglomerações que a Humanidade escolheu como o ambiente aonde quer “viver em comunicação das artes” e usufruir suas experiências cotidianas de vida em “uma vida segura e conversável”? Na verdade, para explicar o todo dessas aglomerações, talvez seja bem mais coerente valer-se de uma expressão de conotação mais plural. Mais do que uma simples “cidade”, “cidade regionalizada”, por exemplo, já traria uma conotação escalar mais aceitável. Ou – como um número crescente de estudiosos já vem empregando – quem sabe cidade-regional ou região urbanizada? Enfim, independente de alusões a escalas ou a extensões territoriais, o que parece realmente imperioso é indagar sobre a manifestação da escala “conversável” que essa “comunicação das artes” deverá abranger.

Na verdade, a temida “fragmentação” talvez suscite inquietação maior do que merece, francamente desproporcional aos malefícios a ela imputados. É bem plausível – e isso é altamente especulativo de minha parte – apontar para casos em que o que se costuma registrar como fragmentos do cotidiano esteja conectado a fenômenos urbanos interessantes. Assim, a certeza construída com base na negatividade que supostamente emanaria das frações encontradas nas novas territorialidades urbanas pode se tornar questionada: pode virar incerteza. As frações – ou melhor, as partes de um todo, as multiplicidades de coisas diversas, as diversidades – podem ser enfocadas através de um novo olhar. Ao serem focalizadas sob esse olhar controverso, podem se revelar como lugares notáveis, seja pela riqueza de suas singularidades, seja pelo valor patrimonial expresso por suas heterogeneidades.

things the extremes achieved in current urban scales. It is almost always employed with some sense of disdain, conferring a negativity frequently associated with the current “postmodern” condition of contemporary urbanisations. It is therefore worth emphasising that before making any value judgement it is good first to reflect on the actual terms of the denomination. It is thus worth asking from the outset what the “city” is, after all, as a concept that is clearly undergoing change; and enter more deeply into the usually intimidating idea of “fragmentation”.

In origin, “city” is a term influenced by a conservative and restricted view of what an urban concentration might be. Is the term “city” still adequate today to explain the agglomerations that mankind has chosen as space where it wants to “live in communication with the arts” and enjoy its everyday experiences of life in a “secure and conversable life”? To explain all those agglomerations it may actually be more coherent to employ a term with broader connotations. Rather than just “city”, “regionalised city” would for example convey a more acceptable connotation of scale. Or what about regional city or urbanised region – used by a growing number of scholars? In short, irrespective of allusions and scales or territorial extensions what seems really imperative is to investigate the kind of “conversable” scale that this ‘communication with the arts’ should involve.

In fact, the term “fragmentation” instils greater concern than it deserves, quite disproportionate to its suggested ills. It is quite plausible – and this is highly speculative on my part! – to point to cases in which what are customarily recorded as fragments of the everyday are connected to interesting urban phenomena. So the certainty based on the negativity supposedly emanating from the fractions encountered in the new urban territories may come under question: it may become uncertainty. The fractions – or rather, the parts of a whole, the multiplicities of diverse things, the diversities – might be focused from a new viewpoint. From this controversial viewpoint they might be revealed as notable places, whether through their wealth of particularities or through the exclusive heritage value expressed through their heterogeneities.

Indeed, there are urban spaces that are clearly perceptible by standing out against a generic backdrop of the vast fragmentary fabric in which they are located. They are spaces that stimulate affectionate receptivity on the part of the population and which remain engraved as genuine places of urbanity as if “carved” into the collective imagination of the people who use them. These would ultimately be spaces perceived as “places”, as already proclaimed by the likes of the psychologist David Canter or the geographer Yi-Fu Tuan in the second half of the last century⁵.

Com efeito, existem espaços urbanos que se fazem claramente perceptíveis ao se aporem contra o pano de fundo genérico do tecido fragmentário no qual se localizam. São espaços que estimulam carinhosa receptividade por parte da população e que, como que se “entalham” no imaginário da população usuária, lá permanecendo gravados como legítimos lugares da urbanidade. Seriam espaços percebidos como “lugares”, como já apregoavam, entre outros, o psicólogo David Canter ou o geógrafo Yi-Fu Tuan, na segunda metade do século passado⁵.

A presença do que seriam os lugares da escala conversável na cidade regionalizada dará o tônus das discussões aqui desenvolvidas. Para ilustrar as elaborações, serão apresentados alguns dos novos cenários em que se processa a urbanização de hoje, cenários que acabam por moldar as feições contemporâneas do que seja a escala conversável no presente momento da história da urbanização, cenários que retratam exemplarmente o paradigma dos mega-projetos de escala-macro.

CAPRICHOS DE UMA URBANIZAÇÃO DESCONTROLADA

A cidade que traz os lugares que provocam as atuais reflexões é uma cidade que mudou consideravelmente nos últimos tempos. Por “últimos tempos”, leia-se o período em que o epíteto pós-moderno começou a ser aplicado às áreas de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano e Regional. É nesse período que as expressões usualmente utilizadas como referentes para urbanização necessitaram crescer “codinomes” para se tornarem mais claramente inteligíveis. Hoje, para melhor comunicar o que é abrangido pelo ambiente urbanizado, torna-se comum o emprego de expressões relativamente incomuns, tais como “transurbanismo” ou “meta-urbanismo”. No mundo pós-industrial, as cidades se transladam território afora, avançando pelo que era o campo, dando origem a novas formações urbanas, gerando ainda uma outra expressão nova, a “pós-subúrbia”. Até a gigantesca metrópole não é mais suficiente para designar o que certos autores categorizam como a nova “postmetropolis” ou a novíssima “métropole”⁶, esta última, provavelmente, a que melhor ilustra a escala-macro e à qual, Ascher se refere como “um espaço urbanizado distendido, descontínuo, heterogêneo, polinuclear, que integra num só ambiente a cidade densa e o neo-rural, a cidade-pequena, o burgo e o subúrbio”⁷, expressão que, etimologicamente, extrapola e engloba a *polis*.

O URBANISMO RETOCADO

Claro que para as alterações que ocorrem nesse processo de urbanização devem corresponder alterações

The presence of what the places of conversable scale might be in the regionalised city will be the focus of the discussions developed here. These will be illustrated by some of the new settings in which urbanisation takes place today; settings that end up moulding the contemporary features of conversable scale in the present period in the history of urbanisation and which exemplarily portray the paradigm of macro-scale mega-projects.

THE CAPRICES OF UNCONTROLLED URBANISATION

The city containing places that are the stimulus for these reflections is a city that has changed considerably in recent times. By “recent times” I mean the period during which the epithet postmodern began to be applied to the areas of Architecture, Urbanism and Urban and Regional Planning. This is the period when the terms usually employed as referents for urbanisation required added “codenames” to become more clearly intelligible. Nowadays, to better communicate what is covered by the urbanised environment, it has become common to use relatively uncommon terms, such as “transurbanism” or “meta-urbanism”. In the post-industrial world cities are shifting outwards, advancing into what was the countryside, initiating new urban formations and generating yet another new expression: “post-suburbia”. Even the gigantic metropolis is no longer sufficient to define what some authors have categorised as the new “postmetropolis” or the latest “metapole”⁶, the latter probably better illustrating the macro-scale and which Ascher refers to as “a distended, discontinuous, heterogeneous, poly-nuclear urban space that brings together into a single space the dense city and the neo-rural, the small town, the borough and the suburb”⁷, as a term that etymologically extends and encompasses the *polis*.

URBANISM IMPROVED

Of course the changes that have occurred during this period of urbanisation have to correspond to the parallel changes taking place in the technical procedures and theoretical content of the discipline of urbanism. The specialist literature therefore employs particular expressions, some of which are chosen with a degree of emotiveness, starting with the ostentatious title of Postmodern Urbanism, chosen by Nan Ellin (1999) to define her wide-ranging and competent study of the state of the art in that field.

Indeed, in the contemporary literature, where urban fractions play a key role in deeper discussion, it is possible to find names where they are simply referred to as “invented places”, “themed places”, “generic places” “cloning places”, “spots”, “event cities” and even simply as “landscape of events”⁸. Whether these terms of fractions, places, images, themes etc. can be considered the same when

correndo paralelamente nos procedimentos técnicos e nos próprios conteúdos teóricos da disciplina urbanística. A literatura especializada se vale, então, de expressões peculiares, algumas escolhidas com certo grau de emocionalismo, a começar pelo ostentoso título de *Postmodern Urbanism*, que Nan Ellin (1999) escolhe para designar seu abrangente e habilidoso trabalho sobre o estado-da-arte daquela área disciplinar.

De fato, na literatura contemporânea, onde as frações urbanas ocupam um protagonismo capital nas discussões mais aprofundadas, é possível encontrar denominações que a elas se referem simplesmente como “lugares inventados”; “lugares temáticos”; “lugares genéricos”; “lugares da clonagem”; “manchas”; “cidade-eventos”, e, até mesmo, simplesmente, uma “paisagem de eventos”⁸. Nessas denominações, se eventos, frações, lugares, imagens, temas, etc., podem ser considerados equivalentes quando referidos às novas formas de territorialidade que representam, não chega a ficar suficientemente esclarecido. Mas, que guardam alguma analogia na maneira como conotam a representações sociais da cidade e a como refletem os significados dos lugares da cidade, isto parece transparecer claramente. Além disso, são indicativas da presença de atores multiescalares que trazem à arena da cidade as diversas manifestações culturais atinentes a cada uma das escalas que envolvem. E – quem sabe – que colaboram para viabilizar a manifestação de uma escala conversável dentro de cada uma das diferentes frações, como será discutido adiante.

O campo do projeto urbano experimenta, então, expressivas alterações conceituais. A ação urbanística não mais se volta à obtenção de produtos completos, cidades acabadas, objetos morfológicos desenhados de modo a funcionar com racionalidade, como preconizava o Modernismo do tempo da fundação de Brasília. Da mesma forma, os planos urbanísticos gerais, que abrangiam o todo de uma área urbanizada, se tornam infreqüentes e pode-se dizer, até, desacreditados. A visão a priori tomada sobre esse todo foi sendo substituída por projetos que se valem de visões a posteriori sobre aspectos particularizados do todo, como no que se poderia denominar de “modelo Barcelona”⁹. Por outro lado, as privatizações se acentuam em todo o mundo mais desenvolvido, “privatizando”, até certo ponto, também os próprios projetos urbanísticos, que passam a receber apoio preferencial da iniciativa privada. Disso resultam projetos pontuais ad hoc, de natureza episódica¹⁰. A cidade assume as feições de uma nova escala propiciando uma estruturação policêntrica, com diversidade de eventos acontecendo simultaneamente em lugares igualmente diversificados.

referring to the new forms of territoriality they represent, does not seem sufficiently clear. But they do seem to retain some analogy in how they define the social representations of the city and how they reflect the meanings of the places in the city. Furthermore, they are indications of the presence of multi-scale players bringing various cultural manifestations into the city arena relating to each scale they involve. And – who knows? – they help to enable the manifestation of a conversable scale inside each of the different fractions, as we shall see later.

The field of urban planning is therefore undergoing considerable conceptual changes. Urbanism actions are no longer focused on obtaining complete projects, finished cities, morphological objects aimed at operating rationally, as Modernism envisaged at the time of the foundation of Brasília. Similarly, general urban planning, which encompassed a complete urbanised area, has become infrequent and even discredited. The a priori vision of this whole has been replaced by projects that make use of a posteriori visions of particular aspects of the whole, as in what one might term the “Barcelona model”⁹. On the other hand, privatisation has increased throughout the more developed world, even to some extent also “privatising” urbanism projects themselves, which now receive the preferential support of the private sector. This has resulted in ad hoc key projects of an episodic nature¹⁰. The city acquires features on a new scale, providing a polycentric structure with a diversity of events occurring simultaneously in equally diverse places.

PLANS AND PROJECTS TURN SOMERSAULTS

The turn of the century witnessed abundant production of new urban patterns accompanied by real reversals in urban plans and projects. The literature in English notes that

“The 1970s and 1980s saw neo-liberal (...) arguments coming to prominence – particularly during the Reagan era in the US and the Thatcher era in the UK – (...) reducing the state’s powers and its role to provide room for market forces to flourish”¹¹.

One of these changes is introduced with the idea of “managerialism” as a key element for reformatting state actions and thus establishing an impressive turnaround at the core of planning itself.

The ties binding a more accentuated liberalisation of projects and management actions are being loosened in parallel with the growth of economic liberalism. New perspectives and instruments are successively joining the repertoire of urbanism and planning strategies. Symp-

OS PLANOS E PROJETOS ANDAM ÀS CAMBALHOTAS

Há uma farta produção de novos padrões urbanos na virada do século, fazendo-se acompanhar por verdadeiras reviravoltas nos planos e projetos urbanos. A literatura anglo-saxônica observa que

“The 1970s and 1980s saw neo-liberal (...) arguments coming to prominence – particularly during the Reagan era in the US and the Thatcher era in the UK – (...) reducing the state’s powers and its role to provide room for market forces to flourish”¹¹.

Uma dessas alterações é introduzida com a idéia do *managerialism* como elemento-chave para reformatar as ações do estado, estabelecendo-se, assim, uma virada expressiva no cerne mesmo do planejamento.

Paralelamente ao crescimento do liberalismo econômico, decrescem as amarras que seguravam uma mais acentuada liberalização nas ações de projeto e de gestão. Novas perspectivas e instrumentos passam, sucessivamente, a integrar o repertório de estratégias do urbanismo e do planejamento. Bem sintomática dessa mudança é a reviravolta apresentada nos temários escolhidos para debate nas reuniões científicas da área. Os mais recentes encontros promovidos pela ISOCARP (International Society of City and Regional Planners/Asociación Internacional de Urbanistas), por exemplo, indica a predominância de temas que contemplam potencialidades para o desenho das cidades, abertas pelo direcionamento de ações e investimentos do mundo econômico-financeiro e voltadas ao crescimento e desenvolvimento econômico e social. Sucessivos congressos dessa associação trataram de temas como: *Planning in a More Globalised and Competitive World*, tema contemplado no 39th International Planning Congress, de nome claramente auto-explicativo; *Making Spaces for the Creative Economy* (41^o Congresso), sobre a busca de novos paradigmas para atender à crescente preocupação em fazer aumentar a atratividade das cidades, de modo a transformá-las em lugares nos quais as pessoas cada vez mais se sintam atraídas para ali viver, trabalhar ou visitar; *Cities Between Integration and Disintegration* (42^o), centrando os questionamentos em torno da crítica às forças chamadas integrativas e acionadas pelas iniciativas de mercado através de mega-projetos; e as forças desintegrativas, acionadoras de fragmentação espacial, cultural, social e econômica, através dos mesmos agentes; e *Urban Dialogues* (43^o), acrescentando ao tradicional diálogo um terceiro grupo de debatedores, estabelecendo um “triálogo” entre os visionários de propostas criativas; os projetistas desenhadores das implementações das visões; e os viabilizadores da co-produção e envolvimento

tomático de this change is the about-turn seen in the topics chosen for discussion at the field’s scientific meetings. The most recent encounters organised by ISOCARP (International Society of City and Regional Planners/Asociación Internacional de Urbanistas), for example, indicate a predominance of topics considering potentials for the design of cities, open to shares and investments from the economic-financial world and focused on economic and social growth and development. Successive conferences of this association have addressed issues such as: *Planning in a More Globalised and Competitive World*, at the clearly self-explanatory 39th International Planning Congress; *Making Spaces for the Creative Economy* (41st Congress), on the search for new paradigms to meet growing concerns about increasing the attractiveness of cities, to transform them into places where people feel increasingly attracted to live, work or visit; *Cities Between Integration and Disintegration* (42nd), centred on questions concerning criticism of forces called integrative and driven by market initiatives through mega-projects, and disintegrative forces, driving spatial, cultural, social and economic fragmentation by the same agents; and *Urban Dialogues* (43rd), adding a third group of debaters to the traditional dialogue, to establish a “trialogue” between visualizers of creative projects, the planning designers implementing the projects of the visualizers, and the enablers of co-production and involvement of all the relevant players in terms of the creation of policies and their implementation¹².

It is no wonder, then, that the conceptual bases of some of these congresses include authors like Richard Florida, who maintains that the creative economy, as new paradigm affecting planning, depends – even more than advances in information technology – on the creativity of people, on what these people want, what they do well and know how to do well¹³. Such factors would establish levels of competitiveness in the cities of the globalised world; a competitiveness that is taken up much like a real sports championship, which is only entered after carefully weighing up the opposition and the chances of winning. Local governments would therefore seek to put their cities on the world map, in an allegory that points to the intention of launching them and making them visible and competitive on a global scale. Incidentally, as Sánchez¹⁴ reminds us, “orientation by demand, urban attractions, competitive positioning, marketing actions, image production and strategic planning”, which until recently were confined to the business arena, have now become commonplace in the discussions of local administrators.

AND A GAP APPEARS FOR CONVERSABLE SPACE

Even amid the multiple territorial demarcations resulting from the current features of the global production of space,

de todos os atores relevantes em termos de criação de políticas e sua implementação¹².

Não é de estranhar, portanto, que nas bases conceituais de alguns desses congressos se encontrem autores como Richard Florida, que sustenta que a economia criativa, como o novel paradigma a interferir no planejamento, depende – mais ainda do que dos avanços da tecnologia da informação – da criatividade dos seres humanos, do que esses seres querem, e do que eles fazem bem e sabem fazer bem¹³. Estabelecer-se-iam por esses fatores, graus de competitividade das cidades no mundo globalizado. Competitividade que acaba assumida como um verdadeiro campeonato esportivo, no qual só se entra avaliando cuidadosamente os adversários e as chances de vencer. Desse modo, os governos locais procurariam colocar suas cidades no mapa do mundo, uma alegoria que indica a intenção de lançá-las, torná-las visíveis e competitivas na escala planetária. A propósito, como lembra Sánchez¹⁴, termos como a “orientação para a demanda, atrativos da oferta urbana, posicionamento competitivo, ações de marketing, produção de imagem e planejamento estratégico”, que até há pouco tempo eram restritos ao âmbito empresarial, tornaram-se recorrentes no discurso dos administradores locais.

E SURGE BRECHA PARA LUGAR CONVERSÁVEL

Mesmo dentro da multiplicidade de demarcações territoriais resultante das atuais feições da produção global do espaço é curioso registrar que persiste uma escala mais durável – a escala do lugar. Melhor dizendo: de uma escala simbólica para lugar, quase uma metáfora para o tradicional conceito de lugar. A discutida Saskia Sassen, por exemplo, em suas prestigiadas digressões sobre a cidade global, introduz uma vinculação que essas cidades teriam com lugar. Para ela, “(...) many of the resources necessary for global economic activities are not hypermobile and are, indeed, deeply embedded in place, notably places such as global cities, global-city regions, and export processing zones”¹⁵. Outro aspecto da fala de Sassen que se revela interessante para a presente polêmica é o da persistência da centralidade nas atuais condições urbanas. Fala a autora que em muitos centros internacionais ainda sobrevive a demarcação de um Distrito Central de Negócios, de certa forma, análogo ao antigo Central Business District tão valorizado nas descrições dos geógrafos urbanos dos anos 1970. Os atuais CBDs, é claro, estariam reconfigurados de acordo com as modernas tendências vigentes nas práticas urbanísticas, isto é, estariam ou reconstruídos e revitalizados sobre seus antigos cascos; ou construídos de maneira inovadora nas recentes expansões pós-suburbanas. Exemplos bem característicos dessas

it is interesting to note the persistence of a more durable scale – the scale of place; or rather a symbolic scale for place, almost a metaphor for the traditional concept of place. In her respected investigations of the global city, for example, Saskia Sassen introduces a connection that these cities would have with place: “(...) many of the resources necessary for global economic activities are not hypermobile and are, indeed, deeply embedded in place, notably places such as global cities, global-city regions, and export processing zones”¹⁵. Another aspect of Sassen’s text that is interesting for this present discussion is the persistence of the centrality of current urban conditions. She states that the demarcation of a Central Business District still survives in many international centres, similar in a way to their valued descriptions by urban geographers in the 1970s. The present CBDs would of course be reconfigured according to modern trends in urbanism practices, being either reconstructed or refurbished over their old shells, or built in the innovative manner of recent post-suburban expansion. Characteristic examples of these two conditions are supplied respectively by New York and Paris. In the former, one of the most notable examples would be the effective renaissance of the district known as Times Square, which includes a vast range of entertainment facilities; and in the latter the (now classic) urban project of La Défense, on the extension of the Champs Elysées to which countless global finance companies were drawn. What should be noted, however, is that these pioneering projects represent just the genealogical base from which other examples have emerged, in quite similar configurations and on similar scales.

Narrowing the focus now to investigate more closely what happens in the everyday life of the modern fractions – to more clearly capture the perception that people have of these places – it is possible to find unexpected and even somewhat surprising situations. Contrary to what might be expected within the circumstances of a “fragmentation”, these areas contain a place for manifestations typically characterised as phenomena connected with a scale that is more “conversable”, rather than a scale that is disconsolately one of conflict. In more mature examples, the emergence of “conversable” places is in fact now considerably established. So a new and decisive dimension enters the scene (and once again this is highly speculative): a temporal scale. This is what has happened with the re-urbanisation project for the PotsdamerPlatz district in Berlin and also in the urbanisation of a vast area of London known as Docklands. These and other examples will occupy the comments that follow, which in a good number of cases do not correspond to the exaggerated criticism that summarily generalises the conditions of urbanity developed at

duas condições são fornecidos respectivamente por Nova York e Paris. Na primeira, um dos exemplos mais notáveis seria o do efetivo renascimento pelo qual passou o distrito conhecido como Times Square, que inclui ainda uma vasta gama de equipamentos de entretenimento; e, na segunda, o (agora já) clássico projeto urbano de La Défense, no prolongamento do eixo do Champs Elysées, para o qual se encaminharam inúmeras agências do capital financeiro global. O que merece atenção, no entanto, é que esses trabalhos pioneiros representam apenas uma base genealógica a partir da qual se sucederam outros exemplares, de escala e configuração bastante assemelhadas.

Agora, estreitando o foco para investigar mais de perto o que se passa dentro do cotidiano dessas modernas frações – para captar com mais nitidez a percepção que as pessoas têm sobre esses lugares – é possível encontrar situações inesperadas e, até certo ponto, surpreendentes. Contrariamente ao que seria de esperar dentro da circunstância de uma eventual “fragmentação”, existe, no interior dessas áreas, lugar para manifestações tipicamente caracterizadas como fenômenos ligados a uma escala mais do gênero “conversável”, do que propriamente, para uma escala desconsoladamente conflitiva. De fato, em exemplares com mais longos períodos de maturação, o surgimento de lugares “conversáveis” já apresenta uma consolidação considerável. Entra em cena, então, uma nova e decisiva dimensão (e, de novo, sou altamente especulativo): uma escala temporal. Assim ocorre, por exemplo, com o mega-projeto de reurbanização do distrito de Potsdamer Platz, em Berlim; e, igualmente, dentro da urbanização de uma vasta área da região londrina conhecida como Docklands. Estes, e outros exemplares ocuparão os comentários que seguem, os quais, em bom número de casos, não correspondem às críticas mais exacerbadas que, ao generalizarem sumariamente sobre as condições de urbanidade desenvolvidas no âmago dos grandes e novos mega-projetos urbanos, privilegiam unicamente as lamentações e não tentam perscrutar sobre o quê a realidade empírica nos é capaz de ensinar.

A apresentação desses exemplares será realizada de maneira expedita – quase como uma reportagem – de modo a incluir uma satisfatória diversificação geográfica (Europa, Ásia, América e Oceania); e com o auxílio de fotos, para mais rapidamente comunicar suas características¹⁶.

BARCELONA

Provavelmente a matriz de todos os mega-projetos que aliam empresariamento a desenvolvimento é sem dúvida, o Port Vell de Barcelona. Projeto original de Manuel Solà-Morales, proporciona vivo diálogo entre os Molhes de la

the heart of large and new urban mega-projects, concentrating solely on complaints and not attempting to examine what empirical reality can teach us.

The presentation of these examples will take place expeditiously – almost as a news report – to be able to include satisfactory geographical diversification (Europe, Asia, America and Oceania); and with the assistance of photos to communicate their characteristics more quickly¹⁶.

BARCELONA

The mould for all mega-projects allying business and development is probably Port Vell in Barcelona. An original project by Manuel Solà-Morales, it offers a lively dialogue between Molhes de la Fusta and Molhes de La Barceloneta, opening access to a world of attractions in the Maremàgnum mall (by Helio Piñón and Albert Viaplana) which, in addition to numerous commercial establishments, bars, cafés and restaurants, also has multiplex cinemas and the great l’Aquarium (which the Catalans consider the “greatest” in Europe). Situated on the Molhes d’Espanya, in the marine boundary stretching between the other two piers, the fraction seems to take the contagious euphoria characteristic of the city’s famous ramblas into the sea. It has thus quickly become one of the places with the highest level of urbanity in the whole of Europe, always filled with people both tanning in the sun and partying in the local nightlife. New places for relaxed chat and cheerful interaction are being added all the time, corroborating the effectiveness of installing a conversable scale that is now strongly established. The photos of two periods demonstrate the recognition of public appropriation (Fig. 2). This project has also generated a long genealogy of other ventures.

BERLIN

The gigantic re-urbanisation of the Potsdamer Platz area is one of the most discussed mega-projects at planning and urbanism forums. Not a few critics have accused it of committing shameful sins, such as spatial elitism and social segregation, together with the unfailing gentrification constantly present in any criticism of projects seeking spatial requalification. Perhaps in its initial stages the project really did harm the establishment of spaces on a conversable scale, quite likely through popular unfamiliarity with the gigantic nature and newness of the event.

Both Renzo Piano’s design for Chrysler-Daimler-Benz and Helmut Jahn’s for the Sony Corporation contain places with an accentuated manifestation of the phenomenon of urbanity, even faced with such amazing and sophisticated facilities that justify a degree of initial intimidation on the part of more ordinary users. But if that has happened, it has not become the rule. On the contrary, it is nowadays

Fusta e os Molhes de La Barceloneta, abrindo acesso a um mundo de atrações apresentadas pelo *mall* Maremàgnum (de Helio Piñón e Albert Viaplana), que, além de numerosos pontos comerciais, bares, bodegas e restaurantes, ainda traz um multiplex de salas de cinema e o grande l'Aquarium (no entender dos catalães, o "maior" da Europa). Situado nos Molhes d'Espanya, na interface marítima que se estreita entre os outros dois molhes, a fração parece estender mar adentro a euforia contagiante característica das famosas ramblas da cidade. Com isso, tornou-se rapidamente um dos lugares retentores do mais elevado grau de urbanidade em toda a Europa, sempre repleto de gente, tanto se bronzeando ao sol como festejando a agitadíssima noite local. Novos lugares para bate-papos descontraídos e prazenteiro convívio se acumulam a cada momento, corroborando a eficácia da inserção de uma escala conversável, hoje fortemente consolidada. As fotos em dois momentos demonstram a consagração da apropriação pública (Fig. 2). Também esse projeto gerou toda uma longa genealogia de outros empreendimentos.

BERLIM

A gigantesca reurbanização da área de Potsdamer Platz é um dos mega-projetos mais debatidos nos foros de planejamento e urbanismo. Não são poucas as críticas que o acusam de cometer pecados ignominiosos, como elitização espacial e segregação social, além da indefectível *gentrification*, presença constante em qualquer crítica a projetos que busquem requalificações espaciais. Talvez em seus estágios iniciais, o projeto tenha realmente prejudicado o estabelecimento de espaços à escala conversável, muito provavelmente, pelo estranhamento popular ao gigantismo e ineditismo do evento.

Tanto no projeto de Renzo Piano para a Chrysler-Daimler-Benz, quanto no de Helmut Jahn, para a Sony Corporation, acontecem lugares com acentuada manifestação do fenômeno da urbanidade, mesmo frente a equipamentos tão portentosos e sofisticados que justificariam toda uma certa intimidação inicial por parte dos usuários mais simples. Contudo, se isso chegou a acontecer, não se tornou regra. Ao contrário, hoje em dia é comum encontrar-se lugares nos quais as pessoas se colocam descontraidamente, dedicando-se a práticas cotidianas singelas e despreocupadas, praticamente jogando "conversa" fora, como preconizava Martim Afonso de Souza no começo do Brasil urbano. É fácil vislumbrar esse fenômeno quando o íntimo do mega-projeto é observado em duas escalas temporais bem marcadas. É o que se pode acompanhar nas fotos tomadas em 1999 e 2008 (Figs. 3 e 4). A apropriação cotidiana das grandes estruturas construídas libera a percepção da população

common to find places in which people gather casually, engaged in simple, relaxed, everyday activities, practically doing away with "conversing" as Martim Afonso de Souza had envisaged at the start of urban Brazil. It is easy to glimpse this phenomenon when the depth of the mega-project is observed on two quite distinct time scales. This is what can be seen in the photographs taken in 1999 and 2008 (Figs. 3 and 4). The everyday appropriation of the major built structures releases the population's perception to allowing the establishment of a more relaxed interaction with the surroundings: fishing is allowed in Marlene Dietrich square! (Fig. 1). Meanwhile, in the nearby cinema museum in the Sony area, the poster for Fritz Lang's *Metropolis* remains on display, as if worriedly pondering the new directions of urban history (Figs. 5 and 6)

LONDON

Throughout the 1980s the public sector was severely criticised for a lack of vision and neglect for the quality of urban planning that seemed to prevail in government planning agencies, especially in terms of establishing a framework of guidelines for the quality of urban development.¹⁷ This trend was broken by the start of major actions in a vast space in east London that had previously housed the London Docklands, which had become derelict mainly due to the adoption of container systems in other port zones. The initial mark of the project was the creation of the London Docklands Development Corporation in 1981, with major fiscal incentives and planning liberation. Even with its marketing furnished with star names from architecture and urban planning, such as César Pelli, Lord Norman Foster, and Skidmore, Owings & Merrill, the project experienced financial, political and administrative ups and downs, enduring a difficult route through one of the most severe crises of capitalism in the early 1990s.¹⁸ The upturn finally came in 1999-2000 when problems were overcome and the sector known as Canary Wharf was defined as the most finished development. It was also the best finished sector, achieving the great distinction of becoming a landmark of the high quality imprinted upon it by the incorporating company, Olympia and York, despite the adversities faced in its implementation (Figs. 7 and 8).

The definitive consolidation of the area is nowadays a reality. By 2006 a group of researchers from Harvard University Graduate School of Design, co-sponsored by the Lincoln Institute – both North American institutions – had carried out in loco fieldwork and concluded, "Today, with more than 100,000 workers, Canary Wharf is competing with downtown London to be the center of the financial services sector (...)"¹⁹. To reach such a position in so short a period is a rare achievement and only at-

2 Port Vell, Barcelona, 2006.
2 Port Vell, Barcelona, 2006.

3 M.Dietrich Platz (Piano), Berlin, 1999.
3 M.Dietrich Platz (Piano), Berlin, 1999.

4 Sony Area (Jahn), Berlin, 2008.
4 Sony Area (Jahn), Berlin, 2008.

5 Potsdamer Platz, Kinemathek, Cartazes de Metropolis.
5 Potsdamer Platz, Kinemathek, Posters of Metropolis.



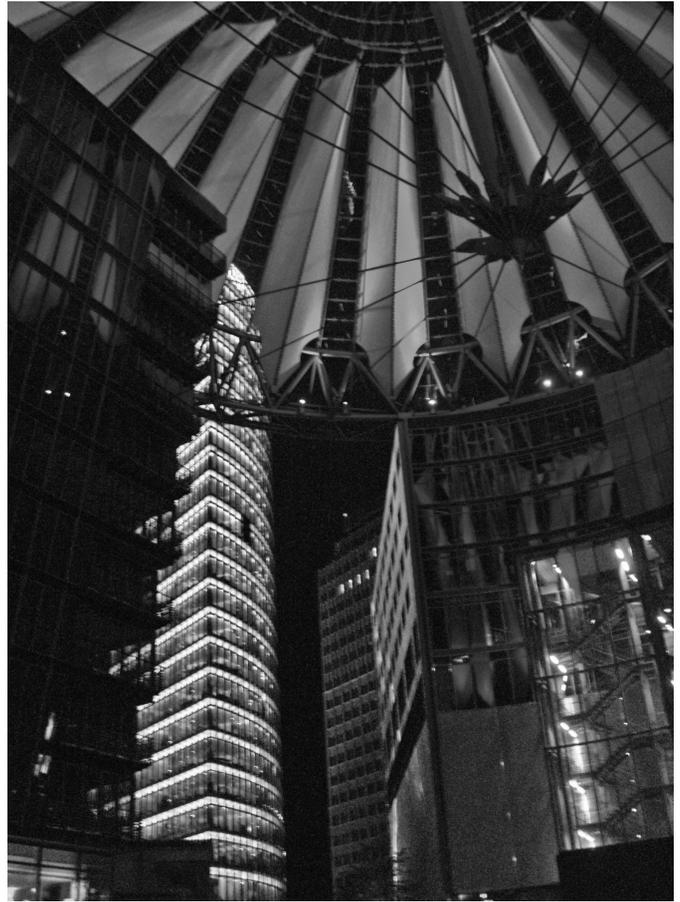
2



3



4



5

permitindo o estabelecimento de uma interação mais descontrainda com o ambiente: é permitido pescar na praça Marlene Dietrich! (Fig. 1). Enquanto isso, ali próximo, no museu dedicado ao cinema na área da Sony, o cartaz de Metropolis, o filme de Fritz Lang, permanece exposto, como a ponderar preocupadamente sobre os novos rumos ora seguidos pela história urbana (Figs. 5 e 6).

LONDRES

Ao longo de grande parte dos anos 1980, o setor público inglês foi severamente criticado pela falta de visão e descaso com a qualidade do desenho urbano que pareceu dominar as agências governamentais de planejamento, especialmente em termos de fixar um quadro de diretrizes normativas para orientar a qualificação urbanística do desenvolvimento¹⁷. Essa tendência foi quebrada com as grandes ações iniciadas num vasto espaço na zona leste de Londres, que antigamente sediava as “London Docklands”, tornadas derrelitas em consequência, principalmente, da adoção do sistema de contêineres em outras zonas portuárias. O marco inicial para o projeto foi a criação da London Docklands Development Corporation, em 1981, com grandes incentivos fiscais e liberdade de planejamento. Mesmo tendo seu marketing guarnecido por nomes estelares da arquitetura e do planejamento urbano, como César Pelli, Lord Norman Foster, e o escritório Skidmore, Owings & Merrill, o projeto teve altos e baixos em termos financeiros, políticos e administrativos, pois suportou uma difícil travessia durante uma das severas crises do capitalismo, a do começo dos anos 1990¹⁸. Finalmente, em 1999-2000 foi dada a volta por cima, superando-se as dificuldades. Definiu-se o setor chamado “Canary Wharf” como o de desenvolvimento mais acabado. Além disso, também como o setor melhor acabado, pois alcançou enorme destaque e se tornou um marco da alta qualidade que a empresa incorporadora, a Olympia and York, fez questão de imprimir ao projeto, apesar de todos os infortúnios que enfrentou em sua implementação (Figs. 7 e 8).

Hoje em dia, a definitiva consolidação da área é uma realidade. Já em 2006, um Grupo de Trabalho de pesquisadores da Harvard University Graduate School of Design, co-patrocinado pelo Lincoln Institute – todas instituições norte-americanas – realizou pesquisa de campo *in loco* e concluiu que “Today, with more than 100,000 workers, Canary Wharf is competing with downtown London to be the center of the financial services sector (...).”¹⁹ Ora, alcançar uma posição como essa numa tão curta escala temporal é façanha incomum e somente atribuível a uma alta qualificação projetual. Como nos projetos matrizes em Nova York, Paris e Barcelona, também

tributable to high-quality planning. Like the projects in New York, Paris and Barcelona, this also stimulated advantageous adoption in other areas, especially after the election of the city’s first mayor, Ken Livingstone, who hatched a series of other urban events, such as the controversial congestion charge for cars entering the central area and a whole set of major projects under the responsibility of experienced architects like Rogers and Foster. Which may be why the working group recognised that, “Having an architect like Richard Rogers involved in the destiny of cities was a major force”, although indicating that large-scale new projects would largely depend on small-scale details – conversable scale? – to be successful, and strongly emphasising, “The question is, can they give these new places soul”²⁰?

BANGKOK

Disturbing urbanisations occur in all corners of the world, yet there is no doubt that those situated in Asia are the most spectacular. Bangkok has not escaped what today seems to be the rule among the Asian Tigers: it is a city with an impressive number of representations of global images, in open contrast to its traditional points of history and culture. One innovation in the Thai capital is a structuring of space that provides simultaneous offerings of various functions usually spread across a territory but which, there, are concentrated in one urban fraction. So there are a variety of offerings of events for visitors and residents to “live in communication with the arts”. The most impressive of these occurs at the intersection between the two main metro lines, specifically at Siam station. Here one can find a place where Bangkok safely offers a highpoint of contemporary centrality. The Siam area is distinguished by the presence of more than one major shopping centre – four huge shopping centres are in fact available: Siam Center, Siam Discovery, Siam Square and Siam Paragon – which define what could loosely be called a “square”, in a representative model of contemporary urban macro-scale (Figs. 10 and 11). This scale is reinforced by the presence of a variety of other functions, including multiplex cinemas, an aquarium, hotels, the national stadium and a temple. And as if that were not enough, the area adjacent to the two metro stations, on either side of Siam station, contains nine establishments, including shopping centres, themed markets, and department stores. Despite the gigantic scale, there is still opportunity for the simultaneous development of relations of urbanity. Among the conversable-scale spaces it is surprising to note even the presence of spontaneously created corners where people engage in retreat and worship (Figs. 12 and 13).

este estimulou um profícuo perfilhamento em outras áreas, especialmente após a eleição do primeiro “prefeito” da cidade, Ken Livingston, que fez eclodir uma série de outros eventos urbanos, como o discutido pedágio para permitir o acesso de automóveis na área central; e todo um conjunto de grandes projetos sob a responsabilidade de arquitetos experientes, como Rogers e Foster. Talvez por isso mesmo, o grupo de trabalho reconheceu que *Having an architect like Richard Rogers involved in the destiny of cities was a major force*, embora tenha apontado que os novos projetos de larga escala dependerão, em alto grau, dos detalhes da pequena escala – da escala conversável? – para alcançarem sucesso, e reforçando fortemente que “The question is, can they give these new places soul”²⁰?

BANGKOK

Urbanizações desconcertantes provêm de todos os cantos do mundo, porém, sem dúvida, as que se situam nos países asiáticos são as mais espetaculosas. Bangkok não escapa do que parece ser hoje regra entre alguns dos Tigres Asiáticos: é uma cidade com expressivo número de representações de imagens globais, em franco contraste com seus pontos histórico-culturais tradicionais. Como inovação, vale destacar o ingresso, na capital tailandesa, de uma estruturação espacial que assume a oferta simultânea de diversas funções usualmente espalhadas territorialmente, mas que lá, ficam concentradas numa só fração urbana. Oferece-se, assim, uma oportuna variedade de eventos para que visitantes e residentes possam “viver em comunicação das artes”. A mais impressionante dessas manifestações ocorre no cruzamento entre as duas principais linhas de metrô, precisamente na altura da estação denominada Siam. Lá se encontra localizado o lugar onde, seguramente, Bangkok oferece um pico de centralidade nos dias que correm. A área do Siam se distingue pela presença de mais de um grande shopping center – na verdade, oferece quatro enormes shoppings: Siam Center, Siam Discovery, Siam Square e Siam Paragon – e que configuram o que aproximadamente se poderia chamar de “praça”, modelarmente representativa da macro-escala urbana contemporânea (Figs. 10 e 11). Essa escala é reforçada pela presença de uma variedade de outras funções, entre as quais, alguns cineplexes, um aquário, hotéis, o estádio nacional e um templo. Como se não bastasse isso, na área adjacente às duas estações vizinhas de metrô, encontram-se, em cada lado da estação Siam, mais nove estabelecimentos distribuídos entre shoppings, mercados temáticos e lojas de departamentos. Não obstante o gigantismo de escala, a oportunidade para o desenvolvimento simultâneo de relações de urbanidade está presente. Entre os espaços da escala conversável,

SINGAPORE

A common trend in many Asian cities, such as Hong Kong and Bangkok, is now to assemble various shopping centres in a single (fragmentary) portion of the city. In Singapore this eccentric agglomeration of malls occurs due to its axial location along an avenue that is a real centre of consumption, Orchard Road (Fig. 14). Another feature of this nation city is the availability of interesting examples of placemaking designed as themed attractions for overjoyed tourists and residents, such as Sentosa park (Fig. 15), a place where Disneyfication runs amok, starting with its access through a system of cable-cars over crystal green waters.

DALIAN

China, with its strange amalgamation of communist government-cum-capitalist economy presents countless examples of the new historical mode of urbanisation. Numerous cities now have ambitious projects of millionaire ventures, and Beijing and Shanghai no longer excel as the only ones with spectacular projects. The beautiful re-urbanisation of the Bund, and the latest urban deployment of Pudong on what were just rice fields until a few years ago, both in Shanghai (Figs. 16 and 17) now have competitors throughout China running hard on the heels of the magnitude of those projects. The international port of Dalian by the Yellow Sea in the northeast of the country, and an important industrial base, stunned its middle-aged inhabitants with the conflicts of rapid urbanisation, for example. Now, with more than six million inhabitants, it is the home for mega-projects that put it firmly on a global scale. Nevertheless, alongside the gigantic buildings of major international brands, its CBD harbours small companionable spaces openly favourable to the development of a conversable scale, which enter into the commercial blocks (Figs. 18 and 19).

DUBAI

Neither the new wealth nor excesses of Dubai have prevented the establishment of a conversable scale in many of the global fractions permeating the territory of that urbanised region. And it is not just the countless sensational shopping centres or the famous palm-shaped islands that have enabled conversable retreats. But of course there are exceptions. Some of the most exuberant projects actually present striking reservations. One of the most revered icons in that particular urbanisation, Tom Wills-Wright’s Burj-al-Arab (Fig. 20), for example, together with the next-door Jumeira Beach Hotel do not come over as friendly and are perceived as truly elitist and impregnable citadels, fractioning the continuity of the coastline. However, the neighbouring beaches seem to compensate for the evils of the two icons, offering accessible and welcoming fractions. By

6 Potsdamer Platz, Kinemathek, Cartazes de Metropolis.

6 Potsdamer Platz, Kinemathek, Posters of Metropolis.

7 Cabot Place, Londres, 2000.

7 Cabot Place, London, 2000.



6



7

é surpreendente registrar a manifestação até de recantos, criados espontaneamente, nos quais as pessoas se dedicam ao recolhimento e ao culto (Figs. 12 e 13).

CINGAPURA

Comum a muitas cidades asiáticas, como Hong Kong e Bangkok, a tendência da moda agora é reunir vários shopping centers numa só porção (fragmentária) da cidade. Em Cingapura, a excentricidade dessa aglomeração de *malls* corre por conta de sua localização axial, ao longo de uma avenida que é uma verdadeira central de consumo, a Orchard Road (Fig. 14). Outra tipicidade daquela cidade-país é a oferta de interessantes exemplares de *placemaking* desenhados como atrações temáticas para delirantes turistas e residentes, como o parque Sentosa (Fig. 15), um lugar onde a dysneificação corre solta, a começar, por seu acesso, que se dá por meio de um sistema de bondinhos aéreos sobre águas de um verde cristalino.

DALIAN

A China, com seu curioso amalgamar de governo-comunista-com-economia-capitalista apresenta incontáveis exemplos do novo modo histórico de urbanizar. São inúmeras as cidades que contam com ambiciosos projetos de empreendimentos milionários, e Beijing e Xangai já não mais sobressaem como as únicas dotadas de projetos espetaculosos. A belíssima reurbanização do Bund e a novíssima implantação urbana do Pudong, esta sobre o que eram até poucos anos atrás apenas campos de cultivo de arroz, ambos em Xangai (Figs. 16 e 17), têm agora competidores espalhados por toda a China, que correm céleres no encalço da magnitude daqueles projetos. Dalian, por exemplo, porto internacional junto ao Mar Amarelo no nordeste do país e importante base industrial, deixa seus habitantes de meia-idade ainda atordoados com os conflitos de sua rápida urbanização. Hoje, com mais de seis milhões de habitantes, é sede de mega-projetos que a colocam decididamente na escala global. Mesmo assim, seu CDB aninha, ao lado dos prédios agigantados das grandes marcas internacionais, pequenos espaços gregários, francamente favoráveis ao desenvolvimento da escala conversável e que adentram pelo interior dos quarteirões comerciais (Figs. 18 e 19).

DUBAI

Nem o novo-riquismo e os exageros de Dubai impedem o estabelecimento de uma escala conversável em muitas das frações globais que permeiam o território daquela região-urbanizada. E não são apenas os inúmeros e sensacionais shoppings ou as notórias ilhas palmiformes que eventualmente viabilizam recantos conversáveis. Mas,

being strategically influenced by the magnetism of the two iconic buildings, the neighbouring beach areas become more attractive and offer increased opportunities for the establishment of conversable scale, visited freely and controlled only by the formalities of local religious customs.

BUENOS AIRES

Puerto Madero has progressively acquired paradigmatic status in terms of successful recuperation of port areas, to become an exemplary model. After some slow initial attempts, the reconversion of the old docks created a particular multiplicity of urban functions from 1991, including the promotion of residential use responsible for ensuring permanent constant use of the area and guaranteeing a human presence 24 hours per day, 7 days a week. Redevelopment continues today in areas of new occupation, now featuring the branding provided by key names in global urbanism, such as Norman Foster and Partners, a regular fixture in the world's major top-quality global urban projects; Phillippe Stark, perhaps the most renowned designer brand on the contemporary scene, whose presence is marked by the luxurious Hotel Faena; and Santiago Calatrache, the designer of Puente de la Mujer (Fig. 21).

SYDNEY

In Australia, Sydney contains some quite inspiring examples, starting with the daring 1973 Opera House. With the passing of time and the progressive appropriation by its numerous users, a genuine place of urbanity has been created there, imbued not just with a significant aura intrinsically linked to its voluptuous forms designed by the Pritzker Prize-winning Danish architect Jörn Utzon, and by the plurality pervading the surrounding area, resulting in the unequivocal creation of a new urban place. In addition to this, another place which is less internationally famous, called Darling Harbour, is also a huge success in the field of placemaking, consisting of a varied complex of entertainment attractions – many of which public – that serve a huge clientele of residents and tourists attracted by the slogan of “expect everything at Darling Harbour” (Fig. 22), and who are in no way disappointed when they arrive.

BRISBANE

Also worthy of mention (and also Australian), is the place known as South Bank created especially for the city of Brisbane and also filled with a range of attractions covering a variety of functions, including what is now known as the city's lifestyle, culture, education, entertainment and recreation. The South Bank Project as a whole brought its creative “placemakers”, the South Bank Corporation, nu-



9 Cabot Place, Londres, 2008.
9 Cabot Place, London, 2008.

10, 11, 12, 13 Bangkok, Siam, 2006.
10, 11, 12, 13 Bangkok, Siam, 2006.

14 Orchard Road.
14 Orchard Road.



9



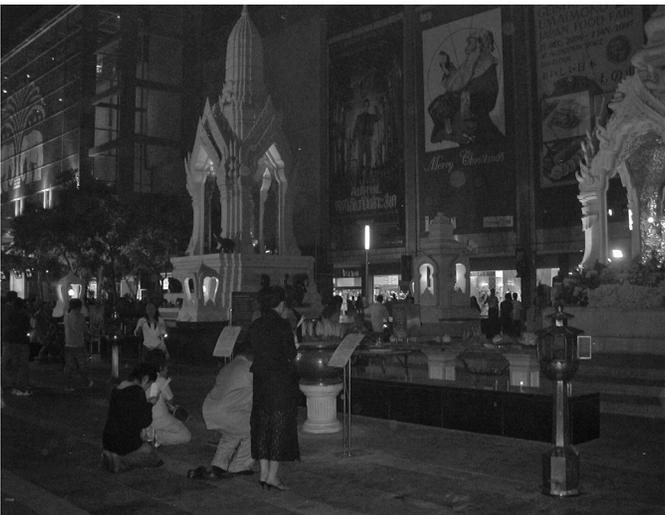
10



11



12



13



14

15 Sentosa Park, 2009.
15 Sentosa Park, 2009.

16, 17 Bund visto do Pudong, 2007.
16, 17 Bund seen by Pudong, 2007.



15



16



17

há exceções, é claro. Entre os projetos mais exuberantes existem, de fato, marcantes ressalvas. O Burj-al-Arab, por exemplo, um dos mais consagrados ícones daquela urbanização peculiar (Fig. 20), projeto de Tom Wills-Wright, juntamente com o Hotel Jumeira Beach, a seu lado, não são percebidos como amigáveis. Ao contrário, deixam-se perceber como verdadeiras cidadelas elitistas e inexpugnáveis, a fracionar a continuidade litorânea. Apesar disso, as praias contíguas aos dois empreendimentos como que compensam as “maldades” dos dois ícones, oferecendo frações acessíveis e acolhedoras. Ao serem estrategicamente influenciadas pelo magnetismo dos dois edifícios icônicos, as áreas praianas que os margeiam se tornam mais atraentes e aumentam as oportunidades para o estabelecimento da escala conversável. Com isso, tornam-se freqüentadas livremente, controladas, apenas, pelos rigores dos costumes religiosos locais.

BUENOS AIRES

Puerto Madero adquiriu progressivamente um status paradigmático em termos de recuperações exitosas de áreas portuárias, tornando-se um exemplo modelar. Após algumas demoradas tentativas iniciais, a operação de reconversão do antigo conjunto de docas deu origem, a partir de 1991, a uma singular multiplicidade de funções urbanas, destacando-se, entre elas, a de prover os usos residenciais, responsáveis por garantir a permanência de usos constantes da área. Ou seja, garantindo a presença humana 24 horas por dia, 7 dias por semana. A reurbanização prossegue, no presente, em áreas de ocupação nova, já agora ostentando o branding fornecido por nomes destacados do urbanismo global, como a empresa de Norman Foster & Partners, freqüentadora assídua dos endereços mais nobres dos grandes projetos urbanos mundiais; de Philippe Stark, talvez a marca de designer mais consagrada no cenário contemporâneo, que marca presença com seu luxuoso Hotel Faena; e de Santiago Calatrava, autor da Puente de la Mujer (Fig. 21).

SYDNEY

Sydney, na Austrália, traz exemplares bem inspiradores, a começar pela audaciosa Casa da Ópera, de 1973. Com a passagem do tempo e a apropriação progressiva por parte de seus inúmeros usuários, gerou-se ali um legítimo lugar da urbanidade, impregnado não somente por uma portentosa aura intrinsecamente ligada a suas voluptuosas formas, desenhadas por Jörn Utzon, arquiteto dinamarquês agraciado com o Prêmio Pritzker, senão, também, pela pluralidade que perpassa por todo o espaço circundante, resultando na inequívoca criação de um novo lugar urbano. Somado a esse, embora menos afamado

merous awards for their expertise in urban design, marketing, environmental sustainability and the creation of public spaces. The new place attracts more than eleven million visitors a year and is now the biggest “people place” as a tourist destination in Brisbane today. Based on a master plan drawn up in 1997 by Denton Corker Marshall, the project is structured along a meandering arcade frondously covered with purple bougainvillea over a winding pergola (Fig. 24). The project also has a space for an exciting cultural centre designed by Robin Gibson, comprising Queensland Art Gallery, a Performing Arts Centre, Museum and Library, “(...) for a state keen to overcome the perception that it was a cultural backwater”²¹ and which is definitively incorporated into the everyday lives of residents as a new, genuinely “conversable” place (Fig. 25).

PORTO ALEGRE

The southernmost metropolis in Brazil stands out as probably one of the most conservative in Brazil in terms of mega-ventures. Perhaps a little forgotten due to its distant location, unlike the rest of the country the southern state capital is lacking in more striking experiments. In this sense, a recent study by a Research Group also funded by the Lincoln Institute has examined some of the more notable cases in Brazil, considering the more specific examples provided by the cities of Belém, Curitiba, Fortaleza, Niterói, Palmas, Rio de Janeiro, Salvador and São Paulo – and carefully excluding Porto Alegre.²² Openly supportive of shopping-centres, the population of Porto Alegre – with the exception of numerous shopping malls, some international hotels and the conveniently central, sophisticated airport complex that serves it (more a hybrid of various functions, including cinemas, than just an airport) – has hardly any experience of the real extent of the conflicts that customarily surround these ventures.

Nonetheless, the city nowadays faces quite provocative dilemmas. The most controversial is the decision to approve a huge project in a privileged area on the shores of the Guaíba River, known as the *Pontal do Estaleiro*. Porto Alegre lacks opportunity for more direct contact with its river (or lake as some Rio Grande do Sul geographers insist) and the area in question is very well shaped for a project with such aims (Fig. 26). However, as this is an experience with which few residents of the state are familiar – it is actually the first major project of this nature envisaged for the shoreline, the other being the refurbishment of a stadium intended for use during the 2014 World Cup – the population’s concern for its city requires special care. People are now talking about establishing a decision about the deadlock in the most democratic way possible, through a referendum planned for 2010. The solution, al-

internacionalmente, um outro lugar chamado “Darling Harbour” é também um enorme sucesso no campo do *placemaking*. É constituído por um variado complexo de atrações, voltadas ao campo do entretenimento – muitas delas, públicas – que atendem a uma vasta clientela de residentes e turistas atraídos pelo mote de “expect everything at Darling Harbour” (Fig. 22). E que de forma nenhuma se sentem decepcionados quando lá chegam.

BRISBANE

Igualmente digno de menção (e igualmente australiano) é o lugar conhecido como “South Bank”, um projeto criado especialmente para a cidade de Brisbane, também repleto de atrações variadas abrangendo um leque de funções que incluem o que hoje é conhecido como *city’s lifestyle*, cultura, educação, entretenimento, esporte e recreação. Em seu todo, o Projeto South Bank outorgou à South Bank Corporation, seus criativos “placemakers”, numerosas premiações por sua expertise em desenho urbano, marketing, sustentabilidade ambiental e criação de espaços públicos. O novel lugar atrai mais de onze milhões de visitantes anualmente e já é o maior “people place” como destino turístico de Brisbane na atualidade. Com base num *master plan* desenhado em 1997 por Denton Corker Marshall, o projeto se estrutura ao longo de uma meândrica arcada, frondosamente forrada com bougainvillias purpúreas, reclinadas do alto de um sinuoso pergolado (Fig. 24). O projeto dá lugar também à consolidação de um excitante centro cultural, desenhado por Robin Gibson, compreendendo a Queensland Art Gallery, um Performing Arts Centre, Museu e Biblioteca, “(...) for a state keen to overcome the perception that it was a cultural backwater”²¹ e que já está definitivamente incorporado ao cotidiano dos moradores como um novo lugar genuinamente “conversável” (Fig. 25).

PORTO ALEGRE

A metrópole mais meridional do Brasil destaca-se por ser, provavelmente, também a mais conservadora do Brasil em termos de megaempreendimentos. Talvez, um pouco obliterada por sua posição geográfica tão deslocada, a capital sulina, ao contrário do resto do país, carece de experiências mais marcantes. Nesse sentido, recente investigação realizada por Grupo de Pesquisa também financiado pelo Lincoln Institute, examinou alguns casos mais notáveis no Brasil, atendo-se aos exemplos mais específicos fornecidos pelas cidades de Belém, Curitiba, Fortaleza, Niterói, Palmas, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo – excluindo cuidadosamente Porto Alegre²². Francamente adepta dos shopping-centers, a população de Porto Alegre praticamente desconhece – exceção feita aos numerosos shoppings, a alguns hotéis internacionais e ao sofisticado complexo

though drawn-out and complicated, offers a very clear reflection of the start of Porto Alegre’s insertion into the scale of macro-city and also demonstrates the nostalgic worries of the people of Porto Alegre about the uncertain opportunities for the growth of a conversable scale among the exceptional future projects for their city.

Another quite clear indicator of this insertion is supplied by the recently opened Iberê Camargo Museum, designed by the Portuguese architect Álvaro Siza, winner of the Pritzker Prize in 1992 and the Golden Lion at Venice for the Porto Alegre project (Fig. 27) With the state government’s donation of part of the city’s shoreline in 1996 the Foundation began the process of constructing a building that quickly acquired the reputation of a major project, both because of the name of the architect and for the quality of its design. The museum’s inauguration on May 30, 2008, enrolled Porto Alegre into the restricted circuit of cities with projects by internationally famous architects (who I like to term “starchitects”²³) included among their urban treasures.

PUBLIC FRAGMENTS IN PRIVATE DOMAINS

Nothing presented earlier would be present in the greater scale of major cities of contemporary urbanisation without the phenomenon of growing public-private interpenetration evidenced by current urbanism and planning. A parallel growth can also be noted in the number of writers noticing this real polysemy now applied to the old and narrow term of the public space²⁴. Ascher, to call on just one, tacitly recognises being faced with a new way of perceiving the public and the private, recalling that in many situations a place’s public nature is conferred on it by the social practices carried out in it, considering the public nature of a place as the result of a certain behavioural environment having been established for it: “It is still the passers-by who through their activities and interactions give the space its public character, especially in their micro-practices of movements, games and bodily postures, and visual attention”²⁵. This implies important changes in the perception of the urban environment. Shopping spaces, for example are increasingly liable to be included in what is defined as the public realm²⁶, as spaces in which, regardless of their legal status, one can make out the occurrence of intensive public appropriation. Urbanism consequently has to know how to accept the new historic order and strive to abandon the old nostalgic representation of the European city, in which the whole urban environment had to be dense and continuous²⁷, to become as Ascher recalls²⁸, at once strategic, pragmatic and opportunist, striving to propose a kind of ‘a la carte’ city offering various combinations of urban qualities, while trying “(...) to use market dynamics to preserve the symbolic values of the old city (...)”.

18,19 Dalian, China, 2008.
18,19 Dalian, China, 2008.

23 Sydney Opera House, 2009.
23 Sydney Opera House, 2009.

20 Jumeira Hotel, Dubai, 2008.
20 Jumeira Hotel, Dubai, 2008.

21 Puerto Madero, Buenos Aires, 2007.
21 Puerto Madero, Buenos Aires, 2007.

22 Darling Harbour, 2009.
22 Darling Harbour, 2009.



18



19



20



21



22



23

aeroportuário convenientemente central que a serve (mais um híbrido de diversas funções, inclusive de cinemas, do que simplesmente um aeroporto) – a real extensão dos conflitos que costumam cercar esses empreendimentos.

No entanto, a capital sulina enfrenta, nos dias que correm, embates assaz provocativos. O mais comentado trata da decisão sobre aprovar um projeto de grande magnitude localizado em área privilegiada à beira do rio Guaíba, denominado “Pontal do Estaleiro”. Ora, a cidade se ressentida da falta de oportunidade de contatos mais diretos com seu rio (ou lago, como insistem alguns geógrafos gaúchos) e a área em questão é extremamente amoldada para um projeto com esses objetivos (Fig. 26). Entretanto, como se trata de uma experiência com a qual os gaúchos estão pouco familiarizados – de fato, é o primeiro dos grandes projetos dessa natureza previstos para áreas costeiras, o outro sendo a reforma de um estádio com vistas à sua utilização na Copa do Mundo de 2014 – a preocupação da população com sua cidade está impondo cuidados especiais. Hoje se fala de estabelecer uma decisão ao impasse à maneira mais democrática possível, por meio de um plebiscito, previsto para o ano 2010. A solução, se bem que complicada e demorada, traz um reflexo muito claro do início da inserção de Porto Alegre numa escala de macro-cidade, representando, da mesma forma, indícios de uma nostálgica inquietação dos porto-alegrenses quanto às incertezas das oportunidades sobre o surgimento da escala conversável no bojo dos futuros projetos excepcionais previstos para sua cidade.

Outro sinal bastante claro dessa inserção é fornecido pelo recém-inaugurado Museu Iberê Camargo, um museu desenhado por Álvaro Siza, o arquiteto português vencedor do Prêmio Pritzker em 1992 e ganhador, pelo projeto para Porto Alegre, do Leão de Ouro da Bienal de Veneza (Fig. 27). Graças à doação, em 1996, pelo Governo do Estado, de uma área costeira da cidade, a Fundação iniciou o processo de construção da obra que rapidamente adquiriu reputação de grande projeto, tanto pelo nome de seu arquiteto quanto pela qualidade de seu desenho. A inauguração do museu em 30 de maio de 2008 inscreveu Porto Alegre no restrito circuito de cidades que contam com projetos de arquitetos de fama internacional (que costumam designar como “starchitects”²³) incluídos em suas preciosidades urbanas.

FRAGMENTOS PÚBLICOS EM DOMÍNIOS PRIVADOS

Tudo que foi apresentado anteriormente não estaria presente na escala-maior das grandes cidades da urbanização contemporânea, não fosse o fenômeno da crescente interpenetração público-privado testemunhada no urbanismo e planejamento atuais. Também cresce, de forma

On the other hand, and in conclusion, it is also crucial to note that the new mega-scale correspondingly demands mega-urban qualification. In strictly urbanist terms it can be seen that analysis of the current urban period therefore eloquently demonstrates the overriding need to further qualify the field of Architecture and Urbanism. The quality of projects becomes decisive in the generation of places that might be blessed with the welcome sense of urbanity, which in turn shines light another decisive factor in the urban setting: the attention that has to be given to a temporal scale. This leads to the conjecture that the global scale accepts a conversable scale throughout the reasonable duration of a temporal scale, since, after all,

(...) the level of justification and the criticism applied to these projects are ultimately confronted by the way that society (...) and its various social groups appropriate them²⁹.

paralela, o número de autores que se apercebem dessa verdadeira polissemia que é agora conferida à antiga e restrita denominação espaço público.²⁴ Ascher, para invocar apenas um, demonstra reconhecer tacitamente que se está frente a uma nova maneira de perceber o que é público e o que é privado. Recorda que, em muitas situações, o caráter público de um lugar lhe é conferido pelas práticas sociais que nele são protagonizadas: isto é, contempla o caráter público de um lugar como resultante de ali se ter conformado um determinado ambiente comportamental. Diz ele: “São ainda os ‘passantes’ que, por suas atividades e suas ‘interações’, dotam o espaço de seu caráter público, especialmente por suas ‘micro-práticas’ feitas de movimentos, jogos e posturas corporais, orientações do olhar”.²⁵ Ora, isso implica em importantes mutações na percepção do ambiente urbano. Cada vez mais os espaços de compra, por exemplo, se tornam passíveis de inclusão dentro das fronteiras do que se designa como *public realm*,²⁶ espaços nos quais, independentemente de sua situação de domínio jurídico, é possível perceber a ocorrência de uma intensa apropriação pública. Conseqüentemente, o urbanismo deve saber aceitar a nova ordem histórica, esforçando-se por abandonar a antiga representação nostálgica da cidade européia, onde todo o urbano deve ser denso e contínuo²⁷, para tornar-se, como lembra o mesmo Ascher²⁸, ao mesmo tempo, estratégico, pragmático e oportunista, esforçando-se por propor um tipo de cidade à *la carte*, oferecendo variadas combinações de qualidades urbanas, enquanto ensaia “(...) usar dinâmicas de mercado para produzir ou conservar valores simbólicos da cidade antiga (...)”.

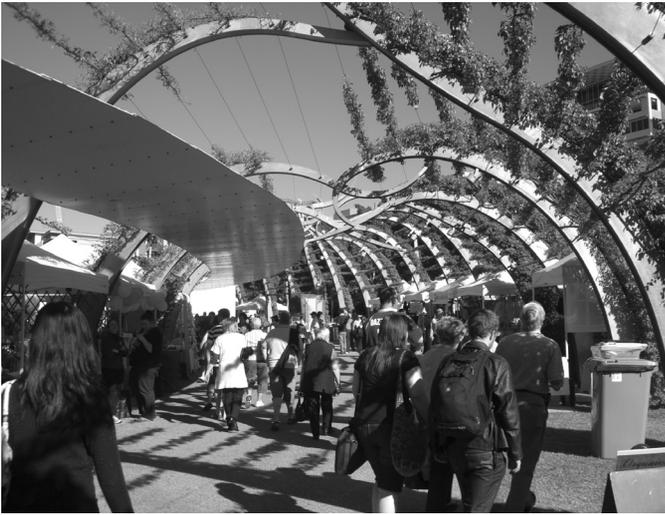
Por outro ângulo é, por fim, também crucial registrar que a nova escala-mega exige, correspondentemente, uma mega-qualificação urbanística. Sendo assim, em termos intrinsecamente urbanísticos, verifica-se, na análise do presente momento urbano a constatação eloqüente da imperiosa necessidade de qualificar ainda mais o campo da Arquitetura e Urbanismo. A qualidade dos projetos se torna decisiva na geração de lugares que poderão vir a ser agraciados com a bem-vinda urbanidade, o que, por sua vez, vem trazer à luz a força de mais outro fator decisivo na cena urbana: a atenção que se deve dar a uma escala temporal. Graças a ela, pode-se conjecturar que a escala global aceita uma escala conversável, ao longo de um razoável decurso de uma escala temporal, pois, ao fim e ao cabo,

“(...) a ordem de justificação e as críticas que estes (projetos) recebem são, em última instância, confrontadas pela forma como a sociedade (...) e seus diversos grupos sociais deles se apropriam”²⁹.

24 Southbank, The Arbour, 2009.
24 Southbank, The Arbour, 2009.

25 Queensland Cultural Centre, 2009.
25 Queensland Cultural Centre, 2009.

26 Antevisão do Portal do Estaleiro , Porto Alegre,
2008.
26 Preview of Portal do Estaleiro , Porto Alegre,
2008.



24



25



26



NOTAS

- ¹ Adaptação, ampliação e recriação do paper denominado Conflitos e Incertezas de Uma Escala Conversável, apresentado e incluído nos Anais do XIII Encontro Nacional da ANPUR: Planejamento e Gestão do Território. Escalas, Conflitos e Incertezas. Florianópolis: maio de 2009.
- ² Roberto Pompeu de Toledo, *O que esperar dos prefeitos*. (VEJA: Edição 2085, 05/11/2008), 142.
- ³ Lineu Castello, *A Percepção de lugar: Repensando o Conceito de lugar em Arquitetura-Urbanismo*. (Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2007).
- ⁴ Jan Sircus, *Invented Places*. Em M. Carmona e S. Tiesdell (Eds.). *Urban Design Reader*. (Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2007, 126-129).
- ⁵ Ver, por exemplo: David Canter, *The Psychology of Place* (London: Architectural Press, 1977); Yi-Fu Tuan, *Espaço e Lugar - A Perspectiva da Experiência* (Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983), 90.
- ⁶ Para maiores elaborações sobre os termos aqui relacionados ("transurbanismo", "meta-urbanismo", "pós-suburbia", "post-metropolis", "métropole") ver, respectivamente: Arjen Mulder, *TransUrbanism*. In J. Brouwer, et al. (Eds.). (Rotterdam: V2_Publishing/Nai Publishers, 2002), 4-15. Lineu Castello, *Meta-Urbanism*. In R. CAVES (Ed.). *The Encyclopedia of the City*. (Nova York/Londres: Routledge, 2005), 310-11. Andreas Ruby, *Transgressing Urbanism*. (In J. Brouwer et al. op.cit.), 16-31. Edward Soja, *Postmetropolis, Critical Studies of Cities and Regions*. (Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishers, 2000). François Ascher, *Métapolis ou l'Avenir des Villes*. (Paris : Éditions Odile Jacob, 1995).
- ⁷ François Ascher, *Les Nouveaux Compromis Urbains*. *Lexique de la ville plurielle*. (Éditions de l'Aube, 2008). Tradução livre.
- ⁸ A seleção de expressões buscou ser abrangente e variada, de modo a bem representar as diversas maneiras pelas quais autores da Europa e Américas se valem para designar uma das tendências mais marcantes do urbanismo e planejamento urbano contemporâneos. As expressões aqui incluídas foram extraídas de publicações de: Bernard Tschumi; José Guilherme Magnani; Lineu Castello; Matthew Carmona; Michael Sorkin; Rem Koolhaas; Paul Virilio.
- ⁹ Como diz Francisco-Javier Monclús, editor-chefe da revista *Perspectivas Urbanas/Urban Perspectives*, em referência aos projetos implementados na cidade de Barcelona, Espanha, principalmente no período que se seguiu aos grandes investimentos realizados para os Jogos Olímpicos de 1992, ocasião em que diversas obras foram edificadas ao longo dos fracionamentos pré-existentes, introduzindo uma dinâmica rede de novos lugares urbanos.
- ¹⁰ A.Loukaitou-Sideris e Tridib Banerjee, *Postmodern Urban Form*. In M. Carmona e S. Tiesdell (Eds.), *Urban Design Reader*. (Oxford: Architectural Press, 2007, 43-51).
- ¹¹ Matthew Carmona et al., *Public Places - Urban Spaces*. (Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2003).
- ¹² As respectivas publicações são: ISOCARP Review. *Making Spaces for the Creative Economy*. Madrid: ISOCARP, 2005. ISOCARP Review 02. *Cities Between Integration and Disintegration: Opportunities and Challenges*. Sitges: ISOCARP, 2006. ISOCARP Review 03. *Urban Dialogues: Co-productive Ways to relate Visioning and Strategic Urban Projects*. Ghent: ISOCARP, 2007.
- ¹³ Richard Florida, *Cities and the Creative Class* (Nova York/

NOTES

- ¹ Adapted, expanded and recreated from the paper *Conflitos e Incertezas de Uma Escala Conversável*, presented and included in the *Anais do XIII Encontro Nacional da ANPUR: Planejamento e Gestão do Território. Escalas, Conflitos e Incertezas*. Florianópolis, May 2009
- ² Roberto Pompeu de Toledo, *O que esperar dos prefeitos*. (VEJA: Edição 2085, 05/11/2008), 142.
- ³ Lineu Castello, *A Percepção de lugar: Repensando o Conceito de lugar in Arquitetura-Urbanismo*. (Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2007).
- ⁴ Jan Sircus, *Invented Places*. In M. Carmona and S. Tiesdell (Eds.). *Urban Design Reader*. (Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2007, 126-129).
- ⁵ See, for example: David Canter, *The Psychology of Place* (London: Architectural Press, 1977); Yi-Fu Tuan, *Espaço e Lugar - A Perspectiva da Experiência* (Translation: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983), 90.
- ⁶ For further development ("transurbanism", "meta-urbanism", "post-suburbia", "postmetropolis", "metropole") see, respectively: Arjen Mulder, *TransUrbanism*. In J. Brouwer, et al. (Eds.). (Rotterdam: V2_Publishing/Nai Publishers, 2002), 4-15. Lineu Castello, *Meta-Urbanism*. In R. CAVES (Ed.). *The Encyclopedia of the City*. (Nova York/Londres: Routledge, 2005), 310-11. Andreas Ruby, *Transgressing Urbanism*. (In J. Brouwer et al. op.cit.), 16-31. Edward Soja, *Postmetropolis, Critical Studies of Cities and Regions*. (Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishers, 2000). François Ascher, *Métapolis ou l'Avenir des Villes*. (Paris : Éditions Odile Jacob, 1995).
- ⁷ François Ascher, *Les Nouveaux Compromis Urbains*. *Lexique de la ville plurielle*. (Éditions de l'Aube, 2008). Free translation.
- ⁸ The selection of terms seeks to be wide-ranging and varied, to well represent the diverse ways in which European and American writers have used them to define the more striking trends in contemporary urbanism and urban planning. The terms used here have been taken from publications by Bernard Tschumi; José Guilherme Magnani; Lineu Castello; Matthew Carmona; Michael Sorkin; Rem Koolhaas; Paul Virilio.
- ⁹ As the chief editor of *Perspectivas Urbanas/Urban Perspectives* magazine, Francisco-Javier Monclús, says of the projects implemented in Barcelona, Spain, mainly during the period following the major investments for the 1992 Olympic Games, when several buildings were constructed along pre-existing fractions, introducing a dynamic network of new urban places.
- ¹⁰ A.Loukaitou-Sideris and Tridib Banerjee, *Postmodern Urban Form*. In M. Carmona and S. Tiesdell (Eds.), *Urban Design Reader*. (Oxford: Architectural Press, 2007, 43-51).
- ¹¹ Matthew Carmona et al., *Public Places - Urban Spaces*. (Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2003).
- ¹² The respective publications are: ISOCARP Review. *Making Spaces for the Creative Economy*. Madrid: ISOCARP, 2005. ISOCARP Review 02. *Cities Between Integration and Disintegration: Opportunities and Challenges*. Sitges: ISOCARP, 2006. ISOCARP Review 03. *Urban Dialogues: Co-productive Ways to relate Visioning and Strategic Urban Projects*. Ghent: ISOCARP, 2007.
- ¹³ Richard Florida, *Cities and the Creative Class* (Nova York/Londres: Routledge, 2005).
- ¹⁴ Fernanda Sánchez, "Políticas Urbanas em Renovação: Uma Leitura Crítica dos Modelos Emergentes" in *Estudos Urbanos e Regionais* 1, maio de 1999, 115-132.

Londres: Routledge, 2005).

¹⁴ Fernanda Sánchez, "Políticas Urbanas em Renovação: Uma Leitura Crítica dos Modelos Emergentes" em *Estudos Urbanos e Regionais* 1, maio de 1999, 115-132.

¹⁵ Saskia Sassen, "The Global City: Introducing a Concept and its History." em Rem Koolhaas et al., *Mutations* (Bordeaux, França: ACTAR, 2001), 104-115.

¹⁶ Ver também: Lineu Castello, "O Cais Mauá e a Geração de lugar." em: Silvio Abreu Filho, R. Fiore (Orgs.) (Porto Alegre de Papel 2, Muros e Cais 1910-2005, Porto Alegre: PROPAP/UFRGS, CD s/d).

¹⁷ Matthew Carmona et al., *Public Places - Urban Spaces*. (Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2003).

¹⁸ Susan Fainstein, *The City Builders - Property Development in New York and London, 1980-2000*, 2ª ed. Lawrence (Kansas: The University Press of Kansas, 2001).

¹⁹ Randy Gragg, "London's Large-scale Regeneration Projects Offer Community Benefits." em *Land Lines*, vol. 18, nº 4. (Lincoln Institute of Land Policy, outubro de 2006), 2-7.

²⁰ Ver nota 19.

²¹ M. Keniger, Introduction, em *A Short History of Brisbane Architecture* (editado por P. Bingham-Hall. Sydney: Pesaro, 2001), 4-15.

²² Pedro Novais, Fabrício Oliveira; Glauco Beinenstein, e Fernanda Sánchez, "Grandes Projetos Urbanos: Panorama da Experiência Brasileira" (em *Anais do XII Encontro Nacional da ANPUR*. Belém, PA, 2007).

²³ Ver também: Lineu Castello, "The Multiple Roles of a 'Starchitecture' Museum." em *The International Journal of the Inclusive Museum*, Volume 2, nº 1, (Melbourne - Australia: Common Ground Publishing, 2009), 45-66.

²⁴ Tom Avermaete, Klaske Havik, e Hans Teers. *Architectural Positions, Architecture, Modernity and the Public Sphere* (Amsterdam: SUN Publishers, 2009).

²⁵ Ver nota 7.

²⁶ D. Scott Brown (Org.), *Urban Concepts* (Londres: Academy Editions, 1990).

²⁷ Ver nota 7.

²⁸ François Ascher, *Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme*. (Éditions de l'Aube, 2004). Tradução livre.

²⁹ Ver nota 22.

¹⁵ Saskia Sassen, "The Global City: Introducing a Concept and its History." in Rem Koolhaas et al., *Mutations* (Bordeaux, França: ACTAR, 2001), 104-115.

¹⁶ See also: Lineu Castello, "O Cais Mauá e a Geração de lugar." em: Silvio Abreu Filho, R. Fiore (Orgs.) (Porto Alegre de Papel 2, Muros e Cais 1910-2005, Porto Alegre: PROPAP/UFRGS, CD undated).

¹⁷ Matthew Carmona et al., *Public Places - Urban Spaces*. (Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2003).

¹⁸ Susan Fainstein, *The City Builders - Property Development in New York and London, 1980-2000*, 2ª ed. Lawrence (Kansas: The University Press of Kansas, 2001).

¹⁹ Randy Gragg, "London's Large-scale Regeneration Projects Offer Community Benefits." in *Land Lines*, vol. 18, nº 4. (Lincoln Institute of Land Policy, outubro 2006), 2-7.

²⁰ See note 19.

²¹ M. Keniger, Introduction, in *A Short History of Brisbane Architecture* (edited by P. Bingham-Hall. Sydney: Pesaro, 2001), 4-15.

²² Pedro Novais, Fabrício Oliveira; Glauco Beinenstein, and Fernanda Sánchez, "Grandes Projetos Urbanos: Panorama da Experiência Brasileira" (em *Anais do XII Encontro Nacional da ANPUR*. Belém, PA, 2007).

²³ See also: Lineu Castello, "The Multiple Roles of a 'Starchitecture' Museum." in *The International Journal of the Inclusive Museum*, Volume 2, nº 1, (Melbourne - Australia: Common Ground Publishing, 2009), 45-66.

²⁴ Tom Avermaete, Klaske Havik, and Hans Teers. *Architectural Positions, Architecture, Modernity and the Public Sphere* (Amsterdam: SUN Publishers, 2009).

²⁵ See note 7.

²⁶ D. Scott Brown (Org.), *Urban Concepts* (Londres: Academy Editions, 1990).

²⁷ See note 7.

²⁸ François Ascher, *Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme*. (Éditions de l'Aube, 2004). Free translation.

²⁹ See note 22.

REFERÊNCIAS

- Ascher, François. *Les Nouveaux Compromis Urbains. Lexique de la ville plurielle*. Éditions de l'Aube, 2008.
- Ascher, François. *Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme*. Éditions de l'Aube, 2004.
- Avermaete, Tom, Klaske Havik, e Hans Teerds. *Architectural Positions: Architecture, Modernity and the Public Sphere*. Amsterdam: Sun Publishers, 2009.
- Carmona, Matthew & Steve Tiesdell (Eds.). *Urban Design Reader*. Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2007.
- Carmona, Matthew, Tim Heath, Taner Oc, e Steve Tiesdell. *Public Places - Urban Spaces*. Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2003.
- Castello, Lineu. *A Percepção de lugar: Repensando o Conceito de lugar em Arquitetura-Urbanismo*. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2007.
- Fainstein, Susan & Dennis Judd. "Global Forces, Local Strategies, and Urban Tourism." em Judd, D.; Fainstein, Ainstein, S. (Eds.). *The Tourist City*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1999, p. 1-17.
- Fainstein, Susan. *The City Builders. Property Development in New York and London, 1980-2000*. 2ª ed. Lawrence, Kansas: The University Press of Kansas, 2001.
- Florida, Richard. *Cities and the Creative Class*. Nova York/Londres: Routledge, 2005.
- Gragg, Randy. "London's Large-scale Regeneration Projects Offer Community Benefits." em *Land Lines*. Vol. 18, No 4. Lincoln Institute of Land Policy, outubro 2006, p.2-7.
- Keniger, M. 2001. Introduction. Em *A Short History of Brisbane Architecture*, edited by P. Bingham-Hall. Sydney: Pesaro, 4-15.
- Loukautou-Sideris, A. and Banerjee, Tridib. Postmodern Urban Form. In M. Carmona; S. Tiesdell (Eds.), *Urban Design Reader*. Oxford: Architectural Press, 2007, p.43-51.
- Novais, Pedro; Oliveira, Fabrício; Bienenstein, Glauco; Sánchez, Fernanda. "Grandes Projetos Urbanos: Panorama da Experiência Brasileira." em *Anais do XII Encontro Nacional da ANPUR*. Belém, PA, 2007.
- Sánchez, Fernanda. "Políticas Urbanas em Renovação: Uma Leitura Crítica dos Modelos Emergentes." em *Estudos Urbanos e Regionais 1*, maio 1999,115-132.
- Sassen, Saskia. "The Global City: Introducing a Concept and its History." em Koolhaas, R. et al. *Mutations*. Bordeaux, França: ACTAR, 2001, p. 104-115.
- Scott Brown, D. (Org.). *Urban Concepts*. Londres: Academy Editions, 1990.
- Sircus, Jan. "Invented Places." em M. Carmona; S.Tiesdell (Eds.). *Urban Design Reader*. Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2007, p.126-129.
- Toledo, Roberto Pompeu de. *O que esperar dos prefeitos*. VEJA, Edição 2085, 05/11/2008, p.142.

BIBLIOGRAPHY

- Ascher, François. *Les Nouveaux Compromis Urbains. Lexique de la ville plurielle*. Éditions de l'Aube, 2008.
- Ascher, François. *Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme*. Éditions de l'Aube, 2004.
- Avermaete, Tom, Klaske Havik, and Hans Teerds. *Architectural Positions: Architecture, Modernity and the Public Sphere*. Amsterdam: Sun Publishers, 2009.
- Carmona, Matthew & Steve Tiesdell (Eds.). *Urban Design Reader*. Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2007.
- Carmona, Matthew, Tim Heath, Taner Oc, and Steve Tiesdell. *Public Places - Urban Spaces*. Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2003.
- Castello, Lineu. *A Percepção de lugar: Repensando o Conceito de lugar in Arquitetura-Urbanismo*. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2007.
- Fainstein, Susan & Dennis Judd. "Global Forces, Local Strategies, and Urban Tourism." in Judd, D.; Fainstein, Ainstein, S. (Eds.). *The Tourist City*. New Haven and Londres: Yale University Press, 1999, p. 1-17.
- Fainstein, Susan. *The City Builders. Property Development in New York and London, 1980-2000*. 2ª ed. Lawrence, Kansas: The University Press of Kansas, 2001.
- Florida, Richard. *Cities and the Creative Class*. Nova York/Londres: Routledge, 2005.
- Gragg, Randy. "London's Large-scale Regeneration Projects Offer Community Benefits." in *Land Lines*. Vol. 18, No 4. Lincoln Institute of Land Policy, outubro 2006, p.2-7.
- Keniger, M. 2001. Introduction. in *A Short History of Brisbane Architecture*, edited by P. Bingham-Hall. Sydney: Pesaro, 4-15.
- Loukautou-Sideris, A. and Banerjee, Tridib. Postmodern Urban Form. In M. Carmona; S. Tiesdell (Eds.), *Urban Design Reader*. Oxford: Architectural Press, 2007, p.43-51.
- Novais, Pedro; Oliveira, Fabrício; Bienenstein, Glauco; Sánchez, Fernanda. "Grandes Projetos Urbanos: Panorama da Experiência Brasileira." in *Anais do XII Encontro Nacional da ANPUR*. Belém, PA, 2007.
- Sánchez, Fernanda. "Políticas Urbanas in Renovação: Uma Leitura Crítica dos Modelos Emergentes." in *Estudos Urbanos e Regionais 1*, maio 1999,115-132.
- Sassen, Saskia. "The Global City: Introducing a Concept and its History." in Koolhaas, R. et al. *Mutations*. Bordeaux, França: ACTAR, 2001, p. 104-115.
- Scott Brown, D. (Org.). *Urban Concepts*. Londres: Academy Editions, 1990.
- Sircus, Jan. "Invented Places." in M. Carmona; S.Tiesdell (Eds.). *Urban Design Reader*. Oxford, Reino Unido: Architectural Press, 2007, p.126-129.
- Toledo, Roberto Pompeu de. *O que esperar dos prefeitos*. VEJA, Edição 2085, 05/11/2008, p.142.